

Fotos: Arquivo pessoal



Cantus Firmus em apresentação de fim de ano na Escola de Música de Brasília



Isabela Sekeff regente do coral brasileiro

O CORAL que sobrevive POR AMOR



Grupo formado por pessoas com as mais distintas profissões

Único grupo da América Latina escolhido para um festival internacional na Áustria, o Cantus Firmus comemora a vitória, mas precisa de apoio para chegar lá. Como é independente, precisa de ajuda para participar de grandes eventos

» RENATA GIRALDI

Elas são professores, farmacêuticos, servidores e uma infinidade de profissões, mas quando se reúnem formam uma só voz. Os integrantes do mais antigo coral independente de Brasília, o Cantus Firmus (do latim, canção firme, no sentido de “ponto de referência”), que aos 33 anos, foi o único selecionado da América Latina para o Festival Corais da Áustria, em novembro — quando mais de 1 mil vozes se encontrarão. Há, aí, um sentimento duplo: orgulho desafiador e satisfação pelo reconhecimento, mas apreensão porque o grupo precisa angariar R\$ 100 mil para as despesas. Por ser autônomo, não há patrocínio nem apoio extra, o grupo sobrevive por meio das mensalidades que os membros pagam e dos cachês que recebem de espetáculos que não são beneficentes. Porém, é insuficiente.

“Infelizmente, a arte é a primeira atingida quando há falta de recursos. Não à toa, os corais perpassaram ao longo dos séculos graças ao apoio das igrejas e dos palácios, hoje por sorte se ouve muita música, inclusive erudita nas salas de cinema”, analisa a regente Isabela Sekeff, cuja tese de doutorado, em fase de produção, trata sobre “Como desenvolver um coro de alta performance fundamentado na gestão e liderança”. “O Cantus sobrevive por amor, determinação e muita cumplicidade”, afirma. Sem dúvidas, Isabela conduz o Cantus ignorando que ali estão “não musicistas profissionais”, mas 54 amadores dedicados, dos quais 40 estão com malas quase prontas para atravessar o oceano rumo à Áustria. O nível de exigência da regente é elevado que, quando o coral viaja para apresentações no exterior, há quem questione se realmente não é profissional. A ponderação é motivo de comemoração e mais responsabilidade. Até a pandemia, o coral havia conquistado três medalhas de ouro,

uma prata, além de três diplomas dourados. (em concursos de coros nos Estados Unidos, África do Sul e Alemanha)

Diferencial

Após três décadas, o Cantus ganhou forma e estilo próprio. Impossível resistir, o **Correio** acompanhou os ensaios de terças-feiras à noite, a felicidade com que os integrantes interpretam transborda em cada cantor. Para Isabela Sekeff, os diferenciais do coral se sustentam em alguns pilares, que considera básicos: a cumplicidade dos integrantes, o planejamento, a disciplina e o rigor com a técnica, além, claro, da escolha do repertório. Segundo ela, é fundamental mostrar a capacidade de inovar e também de executar peças consideradas difíceis, conquistados com muitos ensaios com o coro misto de afinação, sonoridade, performance e expressividade.

Para as apresentações na Áustria, por exemplo, o coral ensaia a *Missa número 6 de Schubert em Mi bemol Maior*, a última composição dele antes de morrer, considerada de performance elevadíssima e que exige um nível técnico muito preciso. A regente afirma que estão programados ainda espetáculos em várias igrejas e alguns teatros, tanto em Viena quanto em Salzburg, onde nasceu Mozart.

“Nosso repertório é bastante eclético, vai da desafiadora *Missa número 6* de Schubert a *Domingo no Parque*, do Gilberto Gil; e *Aquarela Brasileira*, do Ary Barroso, também incluímos sempre Villa Lobos e obras da produção coral contemporânea”, conta Isabela, que detalha a programação com brilho nos olhos. “Por onde passamos, as pessoas vibram com a música brasileira. É incrível o quanto a nossa música encanta. Definitivamente, não tem nada igual ao nosso ritmo”, reage ela, após mais de 40 anos dedicados à música.



Ensaio semanal e mais os extras: presença obrigatória salvo justificativa

Pedro Ribeiro intercala o trabalho de farmacêutico e o de integrante do Cantus Firmus

Matheus Mota é pianista e regente assistente

Rita Moran há 27 anos no coral: “Paixão pela música”

Apresentação, em 2024, do Cantus Firmus junto com pessoas da comunidade que gostam de cantar

HISTÓRIAS de vida e PERSEVERANÇA

Após 33 anos, o Cantus Firmus une música e afetos, que o diga a professora de inglês Rita Andrade Moran, 46, e há 27 no coral. Ali, ela deu vazão à paixão por cantar e conheceu o marido, violinista equatoriano, em uma das centenas de apresentações. “A minha história se confunde e foi construída com a do Cantus. Cheguei no coral jovem, conheci o amor, tive dois filhos Eduardo e Teresa, que são muito musicais, e sigo cantando”, resume. “Quem me conhece sabe da minha paixão por música sabe até na tatuagem”, diz ela, mostrando a arte estampada no corpo. “Eu levo com

profissionalismo, que sou totalmente entregue, sem o peso do trabalho.”

O farmacêutico Pedro Luís Silva Pereira, 37, e há 11 no Cantus, diz que encontrou na música o equilíbrio e o caminho para desenvolver o lado artístico. Segundo ele, a conquista é diária, sobretudo quando são apresentadas peças de performance elevada, que exigem um aperfeiçoamento técnico de sonoridade e afinação. “É uma paixão pelo canto em conjunto, mesmo tendo estudado o repertório individual, esse contato muda tudo. Esse nosso repertório diferenciado, que é uma

diversidade, entusiasmo muito”, relata.

Para o regente assistente e pianista, Matheus Mota, 26, o Cantus vai muito além do que um coral representa. De acordo com ele, a integração do grupo é tão grande que transmite essa cumplicidade para quem assiste às apresentações. O musicista que nasceu no meio artístico afirma ter certeza que o “ambiente acolhedor” dá um sentido diferente para o conjunto. “O Cantus tem um nível muito alto, inclusive é difícil encontrar uma qualidade artística tão elevada. Aparecem as dificuldades e todos se unem para resolver”, observa. (RG)